

A polêmica é o conteúdo

I

MARSHALL McLuhan TERMINOU a apresentação de seu trabalho sobre os efeitos da mídia na educação e passou a palavra à platéia. O sociólogo Robert Merton se prontificou. “Sua apresentação é tão caótica que não sei por donde começar”, disse. McLuhan não se fez de rogado. “Não gosta desta idéia? Tenho outras”, retrucou o canadense.¹ O autor de *Os Meios de Comunicação como extensões do homem*, *Guerra e paz na aldeia global*, *A galáxia de Gutenberg* e *O Meio é a mensagem*, entre outros, era assim: polêmico, controversista.

A obra de McLuhan verte de assertivas e aforismos instigantes e discutíveis. Será que cada nova tecnologia precisa de uma nova guerra? As novas tecnologias, principalmente a televisão e o computador, nos fizeram retornar a um mundo tribalizado, a uma aldeia global? O meio é o seu próprio conteúdo? Somos todos idiotas tecnológicos? As tecnologias são extensões do homem? De todas estas questões, pode se chegar a duas conclusões: a polêmica é o conteúdo da mensagem de Marshall McLuhan e suas idéias influenciaram e influenciam a reflexão sobre as tecnologias do imaginário há décadas.

II Diversidade de fontes

O ecletismo teórico de McLuhan provém de fontes diversas, análogas e radicais. Em Cambridge, onde ficou no começo da década de 30 para estudar literatura inglesa, o futuro teórico da aldeia global aprofunda-se nos ensaios do lingüista I.A. Richards, idealizador da Nova Crítica. Richards preconizava a independência da obra em relação ao autor e suas influências biográficas. Também se preocupava em compreender a literatura como produtora de estados psicológicos peculiares. As palavras, para o inglês, se

Álvaro Larangeira

Mestrando em Comunicação Social
FAMECOS/PUCRS

comportavam de acordo com o contexto. A leitura dependia da multiplicidade dos significados das palavras.

Pela Nova Crítica, Richards pretendia analisar o processo de assimilação e produção de informação pelo sistema nervoso. Richards incitou McLuhan a se interessar pela neurofisiologia e pela ambigüidade das palavras e as conseqüências de seus efeitos. Esses temas, constantes na obra posterior do comunicólogo, fermentaram afirmativas como os meios de comunicação são extensões do sistema nervoso humano e de que o mais importante é estudar os efeitos e não o conteúdo da mídia.²

Ainda na universidade inglesa, McLuhan se afeiçoou a Erza Pound e T.S. Eliot. A partir dos poemas dos dois, o canadense convenceu-se de que a percepção humana se altera e depende dos sentidos utilizados pelo receptor. Em seguida, o interesse pelo estudo das descontinuidades imaginativas fez de McLuhan um aficionado por James Joyce. O poema *Finnegans Wake* encantou-o por causa da prosa antinarrativa e serviu de ilustração em *Guerra e paz na aldeia global*. Em *Finnegans Wake* aparece o termo *message* com duplo sentido: mensagem e massagem. Esta dubiedade de significado forjada pelo irlandês será reapropriada por McLuhan para a célebre idéia: o meio é a mensagem, é a massagem.

Ao lecionar na Universidade de Saint Louis, nos Estados Unidos, McLuhan se aproxima de Lewis Mumford, autor de *Technics and Civilization*. Nesse livro, o crítico social norte-americano divide a industrialização em duas etapas. A primeira é o período paleotécnico, mecanizado e simbolizado pela máquina a vapor, uniformizante. O outro, o neotécnico, se caracteriza pela energia elétrica, possibilitadora da comunicação mundial instantânea, graças a técnicas como o telégrafo e o telefone.

Mumford via na comunicação elétrica a reversão do quadro centralizador represen-

tado pela concentração do poder pelo Estado e Indústria. A eletricidade impunha uma dinâmica de dispersão das concentrações urbanas e uma busca ao estilo de vida rural. Todas estas concepções serviram de base na origem da Era Elétrica mcluhaniana, na qual a convivência tribal e ritualizada ressurgiu por intermédio da aldeia planetária, permeada de relações mediadas pelas tecnologias eletrônicas.³

No mesmo período acadêmico, McLuhan conhece o historiador suíço Siegfried Giedion, especialista em arquitetura. Giedion explicava que cada surgimento de tecnologias abalava a existência humana e revelava incipientes padrões de vida. Giedion combatia o ponto de vista único, procedimento que McLuhan adotou para enfrentar os detratores das novas tecnologias. Na metade da década de 40, McLuhan volta ao Canadá para ser cátedra no Saint Michael's College da Universidade de Toronto. Em pouco tempo, conhece Harold Adams Innis, professor do departamento de economia política. Em *A galáxia de Gutenberg*, McLuhan comenta a importância de Innis: "Foi a primeira pessoa que acertou em ver o processo de troca como implícito nas formas das tecnologias dos meios".

III Um bom motivo para discórdia

Innis é elogiado por McLuhan como um dos raros historiadores a perceber a importância de certos produtos no processo civilizador das sociedades. Innis atribuiu o desenvolvimento do Canadá, principalmente, à demanda de pele para a Europa e à motivação tecnológica para explorar as peles. Em suas análises históricas, McLuhan tirará conclusões reducionistas, passíveis de muita contestação. Imputa ao papiro a maior responsabilidade pela queda do império romano.

"A brecha entre a cultura romana e a medieval talvez tenha sido ocasionada pelo desaparecimento dos fornecimentos de papiros e as quedas posteriores

dos valores visuais... Quando não houve mais suprimento de papiro (imaginem o efeito do desaparecimento de óleo combustível em nosso sistema de estradas e aquecimento central), as estradas romanas caíram em desuso e o império desintegrou-se.”⁴

Em relação à transição para o feudalismo, enaltece o surgimento do estribo, que permitiu “uma nova maneira de guerrear e uma nova forma de sociedade ocidental européia, dominada por uma aristocracia de guerreiros dotados de terras.” Mas a chegada da pólvora no ocidente tornou inútil a armadura protetora utilizada pelos senhores feudais e propiciou a bancarrota do sistema feudal.⁵ No séc. XVI, a palavra impressa criou o individualismo e o nacionalismo.⁶

O norte-americano Sidney Finkelstein parte da análise histórica para bombardear McLuhan. Acusa o comunicador de se valer de meias verdades para poder dissimular a inconsistência de suas teses. “A história real, embora haja muito ainda para se saber a respeito dela, é muito mais interessante do que a história fantasiosa de McLuhan.”⁷ Finkelstein considera uma irresponsabilidade desprezar, no caso da queda de Roma, a crise da economia baseada na escravidão e as invasões das tribos germânicas. Quanto ao poder da impressão, o crítico se pergunta por que na China, antecessora em tipos móveis, não ocorreu uma revolução antes e como supervalorizar o feito da prensa em rebeliões e transformações sociais numa época que raras pessoas sabiam ler. O ataque apenas começou.

IV A extensão do mundo é pequena para o homem

McLuhan define os meios de comunicação como extensões humanas, expressões do desejo de tocar o mundo e conquistar cada espaço como se fosse um apêndice do organismo. “Todos os meios são metáforas ativas do poder de traduzir a experiência em

novas formas”, argumenta McLuhan.⁸ A fala foi a primeira tecnologia a tornar o homem maior do que o seu próprio corpo. A palavra aglutinou, tribalizou. “As palavras são sistemas complexos de metáforas e símbolos que traduzem a experiência para os nossos sentidos manifestos ou exteriorizados.”⁹

As tecnologias mecânicas e elétricas representam prolongamentos revolucionários porque transfiguram os sentidos e o mundo, e exemplifica com a roda, a indumentária, a escrita, a máquina. “O computador é, sob qualquer ponto de vista, a mais extraordinária de todas as vestes tecnológicas jamais elaboradas pelo homem, pois ele é uma extensão do sistema nervoso central”, aposta McLuhan¹⁰. A informática pulverizou com as fronteiras e os limites da Terra. “O planeta deixou de ser natureza para se converter em nave espacial Terra, que não tem passageiros mas somente tripulação”, sentencia.¹¹ Os sistemas informacionais incham. A humanidade se sente sufocada pelo pouco espaço disponível. Lua e Marte são vistos como pousadas. O caminho prossegue. Há perigo de implosão interna. Jean Baudrillard alerta:

“A esfera da informação (entendendo-se ainda uma vez aí a circulação orbital em tempo real tanto do dinheiro quanto das imagens e das mensagens) corre o risco, na perspectiva do desenvolvimento infinito de conexão universal de todas as redes que nos prometem, de conhecer uma reversão brutal do mesmo gênero. Com as auto-estradas da informação, parece que estamos fazendo tudo para ultrapassar o limiar crítico.”¹²

Finkelstein engatilha e mira o alvo. Entende a expressão “extensões do homem” sob dois aspectos: no sentido figurado, numa percepção aprofundada do mundo real, na procura pelo conhecimento científico, na reflexão aprofundada sobre o mundo. No sentido físico, em exemplos como o martelo sendo uma extensão da mão; o pincel, a do braço. Nestes casos, a perda do instrumento é

substituído por outro.¹³ Filkelstein incrimina McLuhan de se valer da ambigüidade do termo para obscurecer o problema dos meios de comunicação:

“Ele transforma cuidadosamente o desenvolvimento da sensibilidade humana no desenvolvimento da vulnerabilidade humana, e o processo de tornar mais humana a vida passa a ser o processo de torná-la mais aterradora”.

Para Filkenstein o modo como os meios são manipulados pelos proprietários e na abordagem da informação (principalmente o rádio, a televisão e a informática) se distanciam da idéia de “extensões”. Devem ser estudados na categoria de instituições sociais, devido ao poder econômico e à posição na sociedade.

V O idiota tecnológico

A multiplicidade e o avanço das novas tecnologias produzem uma confusão no método analítico dependente da mecanização, a tecnologia predecessora à elétrica. Avaliar sob um único modelo de investigação ou um ponto de vista determinado é perigoso, enfatiza McLuhan. Inútil, quem sabe, para compreender os contemporâneos canais de informação. No folheto *Contra-explosão*, concebido em 1953, o pensador defendeu a criação de contra-ambientes, por parte de artistas – os únicos capazes de se antecipar aos fatos e providos de aguçada sensibilidade para apreender o novo –, para entender a nova atmosfera tecnológica. “Somos todos idiotas tecnológicos que só pensamos no antigo e não no presente, no atual”, generalizou.¹⁴

É imprescindível a adaptação às novas linguagens da mídia com parâmetros teóricos e metodológicos contemporâneos. McLuhan desabona o hábito, adquirido em consequência da tecnologia da imprensa, de “observar os fenômenos sob uma ótica única.” Essa é a postura do idiota tecnológico,

temeroso das tecnologias sofisticadas, que receia que seus filhos queiram ser computadores no futuro. Ele é primo irmão do apocalíptico, assim descrito por Umberto Eco: “O erro dos apocalípticos-aristocráticos é pensar que a cultura de massas seja radicalmente má, justamente por ser um fato industrial.”¹⁵ O idiota tecnológico enxerga o presente por um retrovisor.

Nem por isso McLuhan exige do homem tecnológico a apologia à técnica. O ser humano precisa saber enfrentar as crises provocadas pela avalanche de tecnologias e de contestações dos paradigmas anteriores (a crise dos referenciais, na definição pós-moderna), a reavaliar pensamentos e instituições antes inquestionáveis e a refletir a respeito das transformações. A tarefa não é fácil. A insegurança invade o organismo do idiota tecnológico feito um vírus.

“Será que as invectivas dos professores contra a telinha (1960-1980) fazem eco aos vivos protestos dos monges copistas (1480-1510) em face do impresso? ...cada médium novo curto-circuita a classe dos mediadores oriunda do médium precedente”, adverte o francês Régis Debray.

VI O meio é a mensagem, a mensagem

Para entender o recente ambiente informacional, ressaltava McLuhan, é necessário priorizar o processo e não o conteúdo. Isso obriga a reestruturar sentimentos, concepções, o pensar e atuar, para estudar “os efeitos subliminares, imperceptíveis das novas tecnologias sobre a experiência humana.”¹⁶ Sinteticamente, o meio é a mensagem. “Porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas”, justifica McLuhan.

O autor recorda, como exemplo, que não entendemos a luz elétrica como um instrumento comunicacional pelo fato dela ser

desprovida de conteúdo. Entretanto, a eletricidade torna-se perceptível quando associada a outro produto. O mesmo ocorre através dos “processos ativos invisíveis criados pelos ambientes dos meios.” O meio é a mensagem. A televisão representa companhia. A programação é secundária. Baudrillard, inclusive, ironiza ao garantir que a imagem do final deste século será a do homem na frente da tela vazia. A mensagem relaxa, anestesia. É envolvente.

Baudrillard faz a aplicação crítica da fórmula de McLuhan (o meio é a mensagem e mensagem) na sociedade de massas, do consumo:

“Quer dizer que a verdadeira mensagem transmitida pela televisão e pela rádio, decodificada e consumida inconscientemente e profundamente, não é o conteúdo manifesto dos sons e imagens, mas o esquema constrangedor, ligado à essência técnica dos meios de comunicação, de desarticulação do real e signos sucessíveis e equivalentes.”¹⁷

McLuhan ratificou sua teoria depois de receber do investigador de mercados da General Electric Herbert Krugman, em junho de 1970, um trabalho de medição das ondas cerebrais de uma pessoa que assiste a três comerciais distintos e lê uma revista. O pesquisador constatou a regularidade das ondas em relação aos comerciais, mesmo tendo conteúdos diferentes. A leitura provocou alterações em comparação com a televisão.

A pesquisa passou a ser o argumento prático do canadense para comprovar que o principal é a mensagem e que cada meio cria seu próprio ambiente e age de maneira diferente no cérebro.

Finkelstein outra vez diverge da assertiva de McLuhan e lembra que Shakespeare utilizava este recurso – meio como a própria mensagem – para mostrar as artimanhas discursivas de mentir e enganar sem ser

explícito.¹⁸

VII Bordoadas e reconhecimento

Mesmo não tendo a menor simpatia pelas idéias, ou devaneios para outros, de McLuhan, a sua importância no estudo dos meios de comunicação é incontestável. Uma prova é a afirmativa do teórico Hans Magnus Enzensberger:

“Hoje, a vanguarda apolítica encontrou o seu ventríloco e profeta na pessoa de Marshall McLuhan, um autor a quem faltam todas as categorias para a compreensão dos processos sociais, mas cujas confusas obras podem servir de observações esparsas sobre a indústria da consciência. Intuitivamente, pelo menos, conseguiu maior discernimento das formas produtivas dos meios de comunicação do que todas as comissões ideológicas do PCUS em suas intermináveis resoluções e diretrizes.”¹⁹

Enzensberger não esconde o seu desapeço por McLuhan, a quem define como charlatão e “porta-voz da burguesia ideologicamente estéril.” Mas tampouco pode desconsiderá-lo. McLuhan destrói, reconstrói e se expõe. “Eu não explico, eu exploro”, costumava dizer a seus alunos. O pensador canadense, morto na última noite de 1980, procurou o enciclopédismo. Vadiou pelos interstícios do conhecimento humano, como um midiólogo preconizado por Régis Debray. Buscou a totalidade na compreensão dos meios de comunicação e encontrou dilemas, armadilhas e o fomento para a concepção de suas teses. Todas questionáveis e corajosas.

Ao estudioso da área da comunicação, das tecnologias do imaginário, é aconselhável conhecer a obra do ideólogo do mundo tribalizado pelas redes de informação. A Internet, as auto-estradas das informações e da hipermídia, a sede interplanetária da humanidade e as teorias informacionais do

mundo invocam uma rediscussão da obra mcluhaniana. Baudrillard destaca por que repensar o teórico da Era Tecnológica: “A fórmula de McLuhan torna-se totalmente brilhante: o meio engoliu a mensagem, e multimeio, prolifera em todas as direções.” Afirmativa arrojada, passível de polêmica. Parece coisa de McLuhan ■

Notas

- 1 O episódio ocorreu na Columbia University, em Nova Iorque, em 1955. McLuhan apresentou um ensaio titulado “Educational Effects of the Mass Media of Communication”. COLLADO, Carlos Fernández, e SAMPIERI, Roberto Hernández. Marshall McLuhan, el explorador solitario. Grijalbo, México, 1995, p. 72.
- 2 COLLADO, Carlos Fernández e SAMPIERI, R.H. Op. cit. p. 25.
- 3 KATZ, Chaim e outros. Dicionário crítico da comunicação. RJ, Paz e Terra, 1971, p. 204.
- 4 MCLUHAN, Marshall. Guerra e paz na aldeia global. Record, RJ, 1971, p. 25.
- 5 MCLUHAN, M. Op. cit. p. 34.
- 6 FINKELSTEIN, Sidney. McLuhan: a filosofia da insensatez. Paz e Terra, 1969, p. 21.
- 7 FINKELSTEIN, S. Op. cit. p. 29.
- 8 MCLUHAN, M. Os meios de comunicação como extensões do homem. Cultrix, S.P., p. 76.
- 9 MCLUHAN, M. Op. cit. p.77.
- 10 MCLUHAN, M. Op. cit. p. 35.
- 11 COLLADO, C.F. e SAMPIERI, R.H. Op. cit. p. 140.
- 12 BAUDRILLARD, Jean. Tela total. Sulina, Porto Alegre, 1997, p. 25.
- 13 FINKELSTEIN, S. Op. cit. pp. 69-70.
- 14 COLLADO, C.F e SAMPIERI, R.H. Op. cit. p. 69.
- 15 ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. Perspectiva,

S.P., 1969. p. 49.

- 16 COLLADO, C.F. e SAMPIERI, R.H. Op. cit. p. 70.
- 17 BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Elfos, Lisboa, 1995, p.128.
- 18 FINKELSTEIN, S. Op. cit. pp 54-55.
- 19 ENZENSBERGER, Hans Magnus. Elementos para uma teoria dos meios de comunicação. Tempo Brasileiro, R.J., 1968, pp. 115-116.

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Elfos, Lisboa, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean. Tela Total, mito-ironias da era do virtual e da imagem. Sulina, Porto Alegre, 1997.
- BOURDIN, Alain. MacLuhan. Melhoramentos, S.P., 1979.
- CARPENTER, Edmund e MCLUHAN, M. Revolução na comunicação. Zahar, R.J, 1971.
- COLLADO, Carlos F. e SAMPIERI, Roberto H. Marshall McLuhan, el explorador solitario. Grijalbo, México, 1995.
- DEBRAY, Régis. Curso de Midiologia Geral. Vozes, Petrópolis, 1993.
- ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. Perspectiva, S.P., 1979.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. Elementos para uma teoria dos meios de comunicação. Tempo Brasileiro, R.J., 1978.
- FINKELSTEIN, Sidney. McLuhan: a filosofia da insensatez. Paz e Terra, R.J., 1969.
- MCLUHAN, Marshall. Guerra e paz na aldeia global. Record, R.J., 1971.
- MCLUHAN, Marshall. O meio são as mensagens, um inventário de efeitos. Record, R.J., 1969.
- MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. Cultrix, S.P.